

UMA ANÁLISE REFLEXIVA DO FILME “LUCA” PELA ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL

Amanda Caroline Antunes Furtado¹
Gabriela Galeti Silva²
Patrícia Barbosa da Silva³

Resumo: Este artigo objetiva apresentar uma análise do filme “Luca” pelas lentes da Psicologia Histórico-Cultural fundada por Vigotski, Luria e Leontiev, com suporte de uma pesquisa bibliográfica que subsidie as análises dos papéis de mediação no processo de aprendizado dos personagens. O filme retrata a história de Luca, um monstro marinho, em sua jornada para o descobrimento de novas possibilidades de ser além da vida aquática com sua família. Os personagens iniciam diferentes processos de aprendizagem e apropriação cultural a fim de superarem dificuldades individuais e coletivas, exemplificando de maneira artística e lúdica os fundamentos basais da teoria histórico-cultural. A partir disso, foi possível ver as relações sociais dos personagens e como isso afetou na aprendizagem de cada um. Concluindo-se que as relações sociais modificam e colaboram para o desenvolvimento e apropriação cultural de cada personagem.

Palavras-Chave: Mediação; Desenvolvimento; Linguagem; Aprendizagem; Filme; Vigotski.

A REFLEXIVE ANALYSIS OF THE FILM "LUCA" THROUGH THE CULTURAL-HISTORICAL APPROACH

Abstract: This article aims to present an analysis of the film “Luca” through the approach of the Cultural-Historical theory by Vigotski, supported by bibliographical research that subsidizes the analysis of mediative roles in the characters’ learning process. The movie depicts the story of Luca, a sea monster, on his journey to discover new possibilities of being beyond marine life with his family. The characters engage in different learning processes and appropriation of culture in order to overcome personal and collective ordeals, portraying in an artistic and ludic manner, the foundations of the Cultural-Historical theory. From this, it was possible to gather information about the characters’ social relationships and how they affected the process of apprenticeship of each character involved. Our conclusions on the research points towards the observation that social relationships change and cooperate to the development and appropriation of culture of the characters.

Key-words: Mediation; Development; Language; Learning; Film; Vygotsky.

UN ANÁLISIS REFLEXIVO DE LA PELÍCULA "LUCA" A TRAVÉS DEL ENFOQUE HISTÓRICO-CULTURAL

Resumen: Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar un análisis de la película “Luca” a la luz del enfoque histórico-cultural de Vygotsky con el apoyo de una investigación bibliográfica que subsidia el análisis de los roles de mediación en el proceso de aprendizaje de los personajes. La

¹ Autora. Acadêmica do 4º ano de Psicologia da Universidade Paranaense, UNIPAR, unidade de Umuarama- PR.

² Autora. Acadêmica do 4º ano de Psicologia da Universidade Paranaense, UNIPAR, unidade de Umuarama- PR.

³ Orientadora. Docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense, UNIPAR, unidade de Umuarama- PR. Mestra em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM.

película retrata la historia de Luca, un monstruo marino, en su viaje para descubrir nuevas posibilidades de estar más allá de la vida acuática con su familia. Los personajes inician diferentes procesos de aprendizaje y apropiación cultural para superar las dificultades individuales y colectivas, ejemplificando artística y lúdicamente los fundamentos básicos de la teoría histórico-cultural. A partir de esto, se pudo ver las relaciones sociales de los personajes y cómo esto incidía en el aprendizaje de cada uno. Concluyendo que las relaciones sociales se modifican y colaboran para el desarrollo y apropiación cultural de cada personaje.

Palabras clave: Mediación; Desarrollo; Aprendizaje; Película; Vygotsky.

INTRODUÇÃO

A proposição do materialismo histórico-dialético se dá na relação com o material que já está posto, constituído historicamente pelo meio cultural. O materialismo, afirmado por Karl Marx, pressupõe que o material existe objetivamente, independentemente de se ter consciência, sendo o ponto de partida para a compreensão da realidade. Deste modo, a humanidade, através de suas funções afetivo-cognitivas e construções históricas, vai se relacionando com o material e criando novas possibilidades de intervenção na realidade existente (MASSON, 2007). Para Martins (2008), a realidade é objetiva, passível de modificações através da relação com a humanidade, de processos naturais e sociais, sendo modificada em vários momentos da história devido à relação dinâmica entre o humano e a realidade.

No que tange a transformação do meio, ela se refere à ideia de que a lógica e a aplicação prática desta teoria não devem pautar-se num plano idealizado apenas, mas sim na concretude, no real, na realização e produção concreta da vida do homem em sociedade. Na historicidade, é possível observar o essencial caráter investigativo da construção social, temporal e histórica, de como a sociedade e suas produções têm se organizado até então. Nesse sentido, a história compreendida de forma dialética possibilita conhecer o objeto tal como ele é, como ele foi em seu passado e as possibilidades de seu vir a ser, compreendendo as modificações da materialidade exercidas pelo sujeito (MARTINS, 2008; PIRES, 1997).

Tendo isso em vista, este artigo tem como objetivo analisar de maneira exploratória o filme “Luca”, abarcando como a mediação cultural e as relações sociais proporcionam a aprendizagem. Para tanto, temos como amparo a fundamentação da Psicologia Histórico-Cultural através do método materialista histórico-dialético. Um dos seus representantes, Lev Semionovich Vigotski, propõe a análise do desenvolvimento do psiquismo humano através da relação do mesmo com o meio e a apropriação cultural. A seu ver, carregamos características biológicas pertencentes a espécie, mas no processo de desenvolvimento, nos tornamos humanos por meio das relações interpessoais, a partir das quais conseguimos agregar e apropriar de novos conceitos e ideias que propulsionam os

horizontes de capacidades afetivo-cognitivas (VIGOTSKI, 2008).

Sendo assim, torna-se fundamental uma análise que investigue os elementos que historicamente constituem o sujeito para a compreensão de seu desenvolvimento, pois é por meio desse trabalho que se pode identificar as modificações da consciência no indivíduo e a apropriação de sua ferramenta socialmente acordados, compreendidos e culturalmente estabelecidos. Através dessa relação e de como o sujeito se apropriará de forma singular desse meio, é que o mesmo irá se constituir e se humanizar. Portanto, ao estudar o desenvolvimento do indivíduo, faz-se necessário olhar todos os fenômenos apresentados (PEREIRA; SAWAIA, 2020).

Vigotski (2018) aborda o desenvolvimento através das funções psicológicas elementares e superiores. Na quinta aula, o autor traz algumas leis do desenvolvimento como importantes para uma melhor compreensão do desenvolvimento infantil. A primeira delas é a lei de transições de funções para os centros superiores, em que existe uma trajetória nos primeiros estágios do desenvolvimento, onde as funções que antes eram executadas pelas áreas “inferiores” do cérebro passam a ser realizadas através de áreas do centro superiores. Essas funções psicológicas elementares estão ligadas à hereditariedade e aos aspectos biológicos do indivíduo, nós nascemos com essas funções, características inatas ao seu desenvolvimento para a construção do sujeito.

Para entender melhor essa transição, é importante citar a segunda lei, onde Vigotski (2018) explica que quando ocorre essa passagem, as funções psicológicas elementares não desaparecem ou deixam de ser usadas, mas se tornam um complemento para as funções psicológicas superiores, perdendo sua independência. Vigotski usa como exemplo a função sensorial ou motora do bebê, se antes essa função era exercida apenas pelas funções elementares, agora começam a fazer parte da execução junto das funções psicológicas superiores, sendo subordinadas a ela, enriquecendo o trabalho e trazendo novas possibilidades de funcionamento (VIGOTSKI, 2018).

Segundo Vigotski (*apud* TOSTA, 2022), as funções psicológicas superiores são processos sociais de mediação que fazem parte de um processo histórico e mutável de contato com o outro, onde só nos constituímos por meio das relações de mediação com outros indivíduos que possuem diferentes experiências culturais. É no decorrer da aprendizagem que as funções psicológicas superiores se desenvolvem a partir das elementares. O homem só desenvolve suas funções especificamente humanas quando sua relação com o mundo físico e social é mediada, onde um elemento interfere na relação do sujeito com o meio que se desenvolve e/ou aumenta a qualidade de uma função superior, tornando-a mais complexa (MARTINS; MOSER, 2022).

Uma das principais ferramentas de mediação é a linguagem. “A linguagem é o principal instrumento mediador desses processos de configuração da subjetividade histórico-social” (PEREIRA; SAWAIA, 2020, p. 40). É através da linguagem que se estabelece uma comunicação entre os interlocutores e, com isso, é feita uma mediação. A fim de compreender melhor a importância

da linguagem para o desenvolvimento e aprendizagem, devemos pensar que os “instrumentos semióticos” serão sempre a forma pela qual ocorrerá a mediação, por meio da comunicação, onde dependerá de como o sujeito se relaciona com o meio. Considerando a relevância do conceito de mediação, o abordaremos a seguir.

O CONCEITO DE MEDIAÇÃO À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

O sujeito se configura permanentemente em cada acontecimento entre as questões singulares e relacionadas ao contexto, não se apreendendo a realidade, mas em organização de categorias. Deste modo, mediação é um processo de intervenção com um elemento intermediário na relação, uma vez que o sujeito se constitui ao se apropriar da cultura, mediado semioticamente. Isso porque, entre os homens há relações diretas e mediadas; as primeiras baseiam-se nas formas instintivas de movimentos e ações expressivas. Já as relações mediadas, estas aparecem em um nível superior de desenvolvimento porque antes passam por um momento de “planejamento” (OLIVEIRA, 2002).

Inclusive, instrumentos e signos são semelhantes porque são mediadores, e essa similaridade possui uma diferença fundamental. O instrumento é dirigido para fora, resultando em uma mudança no objeto que ao mesmo tempo em que medeia a atividade externa dos sujeitos, oportuniza também uma relação do sujeito com o mundo físico, com nossos pensamentos, sentimentos e afetos. Desta forma, compreende-se que as relações são sempre mediadas por instrumentos semióticos, não se apropriando das relações ou da realidade em si, mas da significação da realidade que acontece no ato da comunicação. Já o signo consiste em uma mediação voltada para o psiquismo (GILLESPIE; ZITTOUN, 2010).

Considera-se fundamental para as discussões psicopedagógicas e sociais, pelas lentes da teoria Histórico-Cultural, o conceito de mediação como ferramenta na apropriação do conhecimento externo ao sujeito, de uma cultura dada e posta no mundo de maneira não inata e inerente a si, mas por um diálogo entre aquilo que é de seu ambiente, cultura e meio social. A troca de experiências, a relação dialética entre “eu” e “outro” pauta-se na mediação com a conexão entre o sujeito e aquilo que é desconhecido para ele (VIGOTSKI, 1999). Neste sentido, nas palavras de Vigotski (1999):

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas e seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente de crianças (VIGOTSKI, 1999, p. 118).

Portanto, a mediação é o processo interventivo que intermedia a relação com o aprendizado e seus conteúdos sociais e externos ao sujeito, deixando de ser uma relação direta, mas mediada onde

emergem as zonas de desenvolvimento na interação e cooperação social, culturalmente contextualizadas e historicamente situadas. É pelo elemento da mediação que desenvolvemos as Funções Psicológicas Superiores, as quais nos distinguem dos animais por meio da apropriação da cultura, de sua significação e da aplicação de sentidos subjetivos e singulares às experiências passadas pelo sujeito em desenvolvimento (OLIVEIRA, 2002).

De acordo com Vigotski (2018), o processo de desenvolvimento se dá através da relação dialética entre o meio e o hereditário, os quais são modificados e afetados constantemente. No decorrer do desenvolvimento, as Funções Psicológicas Superiores vão se desenvolvendo e se aprimorando a partir das Funções Psicológicas Elementares, passando pelo processo de zona de desenvolvimento proximal, são elas: linguagem oral, escrita, memória mediada, atenção voluntária, imaginação, percepção, sentimentos e afetos. Ao chegar até o nível em que as Funções Psicológicas Superiores se desenvolvem, surge a possibilidade de apropriação com a capacidade de uma representação singular do mundo a depender das situações vivenciadas no decorrer da vida. Assim sendo, as Funções Psicológicas Superiores são, primeiramente, intersíquicas (sociais) e, posteriormente, intrapsíquicas (do sujeito).

Após determinado momento do desenvolvimento, o indivíduo passa a ser capaz de receber novas mediações para aprimorar seu processo de modificação de consciência. Uma das principais ferramentas de mediação é a linguagem, que se constitui como “(...) principal instrumento mediador desses processos de configuração da subjetividade histórico-social” (PEREIRA; SAWAIA, 2020, p. 40). Segundo Gadamer (1988), a linguagem se torna o meio pelo qual os seres humanos interagem, comunicam relações entre pergunta, resposta e interpretações no diálogo com o meio universal pelo qual se efetiva a compreensão.

A linguagem não esgota os processos de significação, mas ela é muito importante no processo. O sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. Desse modo, o sentido é sempre uma formação dinâmica, variável e complexa, enquanto o significado permanece mais fixo. Assim, quando novas vivências são oportunizadas, os sentidos são ressignificados e modificados. É por meio da atividade que o sujeito transforma o contexto social no qual se insere e, junto desse movimento, se constitui a psique humana de forma consciente ou não. Consciente e inconsciente referem-se a características da própria atividade humana, objetivada sob a forma de palavra, expressão ou outro gesto (GADAMER, 1988).

O inconsciente é potencialmente consciente. Vigotski (2010) afirma que o inconsciente não está separado da consciência por uma muralha intransponível, os processos que ali se iniciam frequentam continuamente a consciência e encontramos muito do consciente no campo do inconsciente. Isso ocorre através de uma relação dinâmica, viva e permanente, que nunca cessa, entre as esferas da consciência. Além disso, o inconsciente influencia os nossos atos, manifesta-se no nosso

comportamento e por esses vestígios aprendemos a identificar o inconsciente e as leis que o regem. Consciente e inconsciente afirmam que nossas características singulares são produzidas como resultado da complexa objetivação e subjetivação, sendo marcados por aquilo que sabe e escolhe, por aquilo que escapa, é invisível e não capturável, mas que passa sem deixar vestígio.

Considerando a unidade entre consciência e inconsciência, encontra-se o desenvolvimento. Para Vigotski, o desenvolvimento é composto por dois momentos: o desenvolvimento real, aquele cujo sujeito já sabe realizar as tarefas sozinho; e o desenvolvimento potencial, que diz respeito àquele em que o indivíduo pode realizar as atividades com a mediação externa. A “distância” entre os dois níveis é chamada de zona de desenvolvimento proximal (ZDP). A Zona de desenvolvimento proximal indica o desenvolvimento que o sujeito pode ter, mas que dependerá dos estímulos e das mediações externas. Pereira e Sawaia (2020) explicam que devemos parar de olhar a criança pelo seu desenvolvimento real e sempre buscar criar uma zona de desenvolvimento proximal, a fim de gerar novos desafios, podendo utilizar instruções e imitações como instrumentos psicológicos para o desenvolvimento.

O estudo do desenvolvimento só é possível quando comparamos o sujeito consigo mesmo em diferentes momentos da vida, avaliando novas habilidades adquiridas nesse processo, entendendo que o desenvolvimento é o aparecimento das funções psicológicas superiores ou a mudança da qualidade já existentes. Após determinado nível de desenvolvimento, o indivíduo passa a ser capaz de receber novas mediações e instrumentos para aprimorar ainda mais a sua aprendizagem e capacidade psíquica (PEREIRA; SAWAIA, 2020).

Quanto mais desenvolvido o pensamento abstrato na formação de conceitos, mais capaz será o sujeito de se libertar da concretude do mundo; mundo este que se complexifica e se diversifica para aquele que toma consciência de si e da realidade que o cerca. À medida que se amplia sua capacidade de imaginar e abstrair, ou seja, quanto mais desenvolvido for o sujeito, mais ele terá capacidade de criar e de se dominar, visto ser livre. Isso, pois, a cada etapa do desenvolvimento o psiquismo se reconfigura, com vistas a um processo de avanços e retrocessos não linear. O sujeito é maior do que si mesmo, uma vez que sua singularidade expressa uma coletividade. Como seres humanos genéricos, o(s) sujeito(s) são produtos e expressão de suas relações sociais e da herança genética que carregam, os quais transformam esse processo. Desse modo, o sujeito não pode ser compreendido levando em conta apenas sua história individual, sendo necessário compreender sua história familiar, contexto social e cultural (VIGOTSKI, 2018).

Essas funções estão diretamente ligadas à forma com a qual o sujeito irá começar a internalizar fatores externos. É através da relação entre essas funções que se torna possível o processo de aprendizagem e a formulação da subjetividade: somos quem somos por meio das condições tanto filogenéticas quanto dos conteúdos do meio que nos perpassam. Com isso, fica evidente que pensar

em desenvolvimento é pensar também em aprendizagem, ou seja, conforme o sujeito se desenvolve, ele modifica a qualidade do seu psiquismo, levando a novas possibilidades de aprendizagem. (PEREIRA; SAWAIA, 2020).

Vigotski (2019) afirma que o sujeito, apesar de se relacionar com o outro concreto, produz sentidos não a essa concretude, mas à significação dessa realidade. Assim, ele busca a unidade do corpo físico-simbólico entendendo que esse se funda a partir do outro; enquanto a emoção, nesse sentido, é um processo relacional que não acontece dentro do sujeito, uma vez que este se constitui num processo sempre inacabado, resultando no modo como socialmente se apropria e singulariza os significados do contexto. Há uma grande importância da cultura e da história na formação do psiquismo, pois a essência do sujeito é o conjunto de suas relações sociais com sua participação criadora e ativa. Ademais, o desenvolvimento é social. Instrumentos e palavras realizam a mediação do desenvolvimento cultural, a aprendizagem conduz ao desenvolvimento e altera os modos de aprender. Nessa perspectiva, a apropriação da cultura implica necessariamente uma reconstrução, uma ressignificação que constitui os modos de ser sujeito. A partir da relevância do conceito de mediação, iremos expor o filme e sua análise enquanto exemplos de apropriações por meio de mediações.

ANÁLISE DA MEDIAÇÃO NA APRENDIZAGEM DO PERSONAGEM LUCA

O filme Luca se passa em Porto Rosso, uma cidade fictícia localizada na Riviera Italiana, durante a década de 1950. A obra fílmica retrata um menino-monstro do mar, com a capacidade de se transformar em humano quando sai da água. Ele vive com os pais e a avó em uma caverna no fundo do mar, sendo esse o único mundo que ele conhece. Proibido de ir para superfície devido à imagem de caçadores – que na verdade são pescadores que vivem próximos ao seu lar –, Luca trabalha “pastorando” alguns peixes. Em um dia de trabalho, após encontrar e seguir alguns objetos desconhecidos perdidos pelo mar, acaba se encontrando com um monstro marinho chamado Alberto, que vive em sua forma humana em uma torre na superfície.

No decorrer do filme, Luca começa a se encontrar com o menino na torre, onde o mesmo coleciona objetos de humanos, incluindo um pôster de um homem em cima de uma Vespa vermelha. Luca, ao ver essa imagem, se encanta pela moto. Diante disso, os garotos decidem construir uma Vespa com peças que já possuíam na torre. Durante esse processo, os pais de Luca descobrem o que ele tem feito escondido e decidem levar o menino para longe, no fundo do mar, para morar com o tio. Em um ato desesperado, Luca e seu amigo Alberto fogem para uma ilha próxima e começam a viver como humanos.

Ao chegar na ilha, os garotos conhecem Giulia, uma menina humana que sempre passa as

férias com seu pai. Giulia é conhecida por todo ano participar da “Copa Porto Rosso”, uma corrida que envolve nadar, pedalar e comer macarrão, embora seja derrotada todo ano. Ao descobrirem que o ganhador da corrida receberá um prêmio em dinheiro que poderá ser trocado por uma moto, os meninos decidem participar da competição com sua nova amiga. Após Giulia aceitar os meninos em seu time, o grupo divide as três etapas entre si baseados em suas habilidades pessoais. A equipe começa a treinar todos os dias de forma que os meninos aprendam cada vez mais sobre o mundo dos humanos, encontrando grandes desafios durante esse processo e tendo que enfrentar obstáculos para superarem suas dificuldades.

Relacionando com a Psicologia Histórico-Cultural, podemos demarcar o desenvolvimento de Luca através de seus dois principais mediadores: Alberto e Giulia. Inicialmente, observamos como os conceitos sociais culturalmente estabelecidos, preservam o “status quo” das dinâmicas de desenvolvimento como “impedimentos” para a humanização, sendo também possível analisar como as características inatas e biológicas de Luca se tornam marcadores que estabelecem uma forma de desenvolvimento diferente para sua humanização, onde em determinados momentos dificulta e exige que ele pense em formas distintas de realizar dada atividade.

Paralelamente, podemos recordar inclusive no próprio trabalho de Vigotski como defectologista e no documentário de Borboletas de Zagorsk – onde crianças definidas social e culturalmente como incapazes por terem deficiência auditiva e visual, de serem inseridas socialmente, encontram na adversidade uma maneira singular de se comunicar, se expressar e compreender a realidade (DINIZ, 2014). Neste sentido, também é pré-estabelecido na cultura de Luca que, por conta de suas características morfológicas, seria perigoso que ele ingressasse no mundo dos “humanos”, sendo completamente impedido de tal ação.

Vigotski aborda a constituição do sujeito tal qual uma relação do homem com a cultura. Ao falar do processo de desenvolvimento da criança, Vigotski (2018) traz a importância do meio na Histórico-Cultural e como devemos analisar a relação que a criança tem com ele em uma determinada etapa do desenvolvimento, onde o que vai definir essa influência são as vivências. Com isso, podemos dizer que o desenvolvimento sofre influências do meio, mas não podemos olhar para ele de forma separada, mas sim em relação com o sujeito e sua vivência. “[...] a influência do meio no desenvolvimento da criança, junto com as demais influências, será medida também pelo nível de compreensão de tomada de consciência de atribuição do sentido ao que nele acontece” (VIGOTSKI, 2018, p. 79).

Sendo assim, fica evidente a importância da vivência como um processo pelo qual o indivíduo tem contato com a etapa de averiguação da realidade a partir de suas vivências internas; um processo de transposição das relações e de como se configuram em sua própria experiência (VIGOTSKI, 2010). Pelas demandas do meio, o sujeito estabelece relações e se reconfigura para adequar-se às

modificações frente à sua Situação Social de Desenvolvimento (SSD), conforme se verifica em Bittencourt e Fumes (2021).

Posto que é justamente por meio das relações sociais que o indivíduo se desenvolve, e a vivência de uma situação qualquer ou de um componente qualquer do meio é que define como será a influência desta situação ou do meio sobre a criança (VIGOTSKI, 2017). Nesse sentido, a vivência, para Vigotski, é tida como uma expressão de acontecimentos apreendidos pelos indivíduos em sua existência, possuindo relação direta com a orientação e o desenrolar das ações, possibilitando o entendimento do homem e do seu desenvolvimento (VIGOTSKI *apud* BITTENCOURT; FUMES, 2021).

Ao ressaltar sobre vivências, Vigotski (2018) usa como exemplo a fala de outras pessoas ao redor de uma criança, que está em fase inicial de desenvolvimento e ainda não se apropriou do significado social que a palavra tem no contexto, ou seja, a mesma palavra tem sentidos diferentes de acordo com o momento do desenvolvimento que o sujeito se encontra. Conforme o sujeito vai ampliando sua consciência, as palavras terão sentidos diferentes, a depender da relação dialética do hereditário e do meio que o sujeito modifica a consciência.

Vendo como diferentes fatores exercem grande influência no desenvolvimento da criança, é necessário, para uma análise, pensar que cada personagem está em um ambiente com vivências próprias e em uma situação social de desenvolvimento diferente. No caso de Giulia, que é humana, a personagem mora com a mãe em outra cidade e passa suas férias com o pai, também frequenta a escola e mostra interesse nos estudos. Já Alberto foi abandonado pelo pai, mora em uma torre sozinho e vive uma vida no mar e na ilha, entre humanos e monstros marinhos. Luca, o personagem principal da história, sempre viveu no mar, com a mãe, o pai e a avó, sendo proibido de ir até a superfície. Podemos perceber as diferentes situações sociais de desenvolvimento entre os personagens e como isso gerou, pela relação deles com o meio, especificidades na personalidade de cada um. Isso, portanto, nos leva a compreender que cada situação social de desenvolvimento possibilita determinadas relações e desta forma determinadas mediações (VIGOTSKI, 2018).

A mediação ocorre no momento em que Luca encontra-se com Alberto fora da água. A princípio, ele sequer consegue ficar de pé, tendo dificuldades para andar, se debatendo no chão como se fosse um peixe. Já Alberto, operando como mediador desta habilidade, se define inclusive como “mestre” em andar e diz que para ter equilíbrio e se colocar de pé é necessário colocar “uma coisa em cima da outra, como uma pilha de pedra”. Este segundo, por sua vez, tenta mediar de diferentes formas para que Luca pudesse compreender a ação de andar, fazendo paralelos como nadar na água. Finalmente, Luca consegue guiar com a proposta de apontar os pés em uma direção e se equilibrar para não cair, progredindo o aprendizado e desenvolvimento de forma consecutiva.

O aprendizado de ambos prossegue com outras maneiras de lidar com a realidade, onde Alberto ensina o que é “respirar”, demonstrando como funciona a gravidade ou “queda”, pulando da torre e até mesmo as nuvens, o céu e o sol, ao qual ensina por meio de gestos e da linguagem, explicando inclusive que Luca não deve olhar diretamente para o astro. Finalmente, Luca é apresentado à coleção das “coisas dos humanos”, objetos que Alberto coleciona que pertenciam a humanos. É perceptível que ele mesmo não compreende como operá-las em suas potências, chamando uma vitrola de “máquina da cantora mágica”. Neste ponto, são evidenciados traços da cultura que Alberto conhece, mas por falta de mediação não fazem parte do seu desenvolvimento real.

Na cena em que Luca sobe até a torre, o primeiro objeto que ele observa é a vitrola. Ao chegar perto, Alberto diz que o aparelho está quebrado. Luca olha para o lado e avista uma manivela e de imediato encaixa na vitrola girando-a e fazendo a música tocar. Nesse momento, podemos observar que mesmo sem nunca ter tido contato com as coisas dos humanos, Luca conseguiu fazer com que o objeto funcionasse por meio de tentativa e erro. Sendo assim, a relação que estabelece com seu meio e novos significados se configura a partir da sua relação social, o que evidencia a relação de sua Situação Social de Desenvolvimento em diferença com sua família. Aqui, as expectativas geradas por Alberto na relação interpessoal com Luca demandam novas configurações, desafios e, conseqüentemente, toda uma nova organização de exigências para o desenvolvimento de Luca na superfície como fator motriz de suas novas vivências.

Esta relação com a nova perspectiva da realidade produz no personagem principal mudanças em toda a estrutura de seu psiquismo. Por meio do estabelecimento de novos vínculos afetivos com outras pessoas tanto quanto com outros objetos e meios, é dado início a um novo período de desenvolvimento marcado por desafios e superações. Com isso, podemos observar, inclusive, que são tamanhas as diferenças entre as vivências e a situação social de desenvolvimento que Alberto e Luca experimentam em uma mesma realidade de forma única, diferenciada e particular para cada uma das suas relações (VIGOTSKI, 1996, p. 264 *apud* MELLO; SINGULANI, 2015).

Em um momento, Luca percebe um pôster colado na parede com a imagem de um homem sentado em uma moto com a seguinte frase: “Vespa é liberdade”. É nesta cena que o garoto começa a imaginar ele em cima da Vespa, como se estivesse voando por cima do mar. Em outras cenas, ele expressa seu desejo por liberdade e por conhecer o mundo, mostrando o sentido da vespa para o personagem. Esse é um dos motivos que fazem com que o personagem vá até a ilha, na busca da sua tão almejada liberdade. Os personagens (Luca e Alberto) constroem uma Vespa pautada na representação gráfica que possuem como referência, com objetos de sua coleção. Ao tentarem andar com a representação da Vespa, a mesma desmonta e cada vez que eles tentam reconstruir, tentam melhorá-la.

Conforme o filme se desenvolve, os pais de Luca descobrem que o filho tem ido até a superfície e tem se transformado em humano. Para não ser levado pelo tio, Luca e Alberto planejam fugir para a ilha de Porto Rosso. Ao chegarem na ilha, temos um processo de aprendizagem tanto de Luca quanto de Alberto. Os meninos, ao descobrirem sobre a copa Porto Rosso e que caso ganhassem poderiam conseguir uma Vespa, decidem competir. Com isso, Giulia pede para testar as habilidades dos meninos, Luca é colocado para andar de bicicleta. Ao subir na bicicleta, perde o equilíbrio e cai. Alberto tenta ajudar dando instruções: “tenta pular em cima dela”. Luca pula em cima da *bike*, fica alguns segundos sentado até perder o equilíbrio e cair. Alberto não sabe andar de bicicleta, ou seja, ele tenta mediar uma situação que não faz parte do seu desenvolvimento real, o que faz com que as instruções não tenham sentido. Giulia, que a ação de andar de bicicleta já fazia parte do seu desenvolvimento real, começa a orientar mediando o personagem através da linguagem, criando uma zona de desenvolvimento proximal.

É possível perceber que durante essa cena Alberto não consegue fazer a mediação, enquanto em outros momentos o vemos fazer uma mediação em que traz informações incorretas para Luca, por exemplo: Alberto fala que as estrelas são anchovas que dormem no céu; e a lua, que seria um peixe maior, as protege. Mais tarde, Giulia corrige a informação explicando o que são as estrelas. Diante disso, podemos ver a diferença da apropriação cultural dos personagens, Alberto não tinha a apropriação da cultura dos humanos desenvolvida em suas máximas potencialidades, ou seja, possuía um nível de desenvolvimento menor que o de Giulia, por isso, a dificuldade em algumas mediações. Isso mostra que quanto maior o nível de desenvolvimento cultural do mediador, mais efetiva será a mediação.

É só por meio da mediação de Giulia que Luca consegue pedalar. Após andar por um tempo mais longo, ela começa a criar desafios maiores, chegando a colocar uma rampa em cima de uma fonte para que ele passe por ela. Nesse momento, Luca não consegue atravessar e cai da bicicleta. Percebemos aqui que o andar de bicicleta faz parte da zona de desenvolvimento real, porém, andar na rampa ainda é um processo mais difícil e que até aquele momento não havia sido mediado por outros personagens. Durante o filme, verificamos a evolução de Luca, onde o mesmo consegue chegar a pilotar a *bike* com Alberto e Giulia em cima. Vemos essa evolução em outras cenas também, onde antes comiam macarrão utilizando a mão, aprendendo agora a usar o garfo, o que demonstra um aumento na qualidade das funções psicológicas superiores por meio do aprendizado cultural.

Com o passar do filme, o personagem passa por novas vivências e suas relações fazem com que ele dê um novo sentido para a liberdade que tanto almeja durante toda a narrativa. Através de suas relações com Giulia, Luca mostra interesse em ir à escola, buscar conhecimento e conhecer mais do mundo, trazendo o sentido de liberdade para essa nova experiência. É a partir dessas mediações

que percebemos como as relações do sujeito com o meio se tornam essenciais para o desenvolvimento psíquico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro da teoria da Psicologia Histórico-Cultural, alguns conceitos são fundamentais para a compreensão de sua perspectiva, entre eles: vivência, mediação, zonas de desenvolvimento real e proximal, instrumentos, sentido e significado. O filme Luca, neste caso, ilustra de forma lúdica e artística como o desenvolvimento infantil é marcado tanto por aspectos biológicos quanto sociais. Inicialmente, os fatores mais predominantes no desenvolvimento do personagem são filogenéticos, os quais marcam as características do desenvolvimento da espécie – seja como monstro marinho ou humano; e ontogenéticos, referentes ao seu próprio processo de desenvolvimento e culturais – seja com a cultura subaquática ou a da superfície; e efetivamente a microgênese, a ditar o cruzamento entre os aspectos sociais, biológicos e culturais na formação da personalidade.

A narrativa conta com três personagens que apresentam Zonas de Desenvolvimento real e proximal diferentes a respeito dos processos de humanização e socialização. Luca, a princípio, dispõe de poucos recursos e instrumentos para seu desenvolvimento, já Alberto possui um pouco mais de experiência e o media em seu desenvolvimento inicial, ensinando ao amigo aspectos básicos de movimentos e interação com objetos da superfície. Enquanto Giulia, por sua vez, realiza a mediação de ambos no processo de socialização e apropriação cultural. A interação entre os personagens nos mostra como, por meio da mediação e da socialização, o ser humano é constituído como uma interação e influência de aspectos biológicos e sociais; dinamismo este que faz com que cada um dos personagens desenvolva uma individualidade que os marca como singulares, pois através desses processos diferentes finais são elaborados para cada um.

O desenvolvimento não só das habilidades sociais, mas também a evolução do próprio psiquismo, dos afetos e das capacidades comunicativas de cada um dos personagens são apresentados. Todavia, há de se notar que o desenvolvimento mais proeminente ocorre em todos os níveis, por meio das interações sociais entre os três personagens e também com outros pares das diferentes culturas com as quais eles interagem. Um importante aspecto do filme que consideramos é a superação de fatores biológicos por meio da mediação, mostrando a importância da inclusão social e de como a construção de uma rede social de apoio e ensino multidisciplinar pode e ocasiona mudanças fundamentais no desenvolvimento pleno do psiquismo.

Ademais, é importante ressaltar a relevância da obra, sobretudo o aspecto de como o próprio filme se constituiu por si só em um instrumento lúdico de mediação do desenvolvimento de nossas próprias compreensões acerca do conteúdo proposto pela teoria, de forma que é possível assimilar,

investigar e elaborar elementos da teoria dos recursos lúdicos dispostos pelo filme, por meio das representações simbólicas que estabelece com os espectadores na compreensão do processo de investigação do desenvolvimento infantil tanto quanto a importância de fatores sociais e culturais, como do meio, na apropriação cultural e no desenvolvimento de habilidades efetivas para o estabelecimento de vínculos afetivos e sociais historicamente e culturalmente demarcados.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Ivanise; FUMES, Neiza. Vivências em Vigotski: Contribuições Teórico-Metodológicas Para Análise de Contexto Histórico-Cultural nos Estudos com Indivíduos. **Educação: Teoria e Prática.**, Rio Claro, v. 31, n. 64, 2021.

DINIZ, Andréa Fabiane Machado. As borboletas de Zagorsk: Uma análise de princípios da defectologia Vigotskiana. **História & Ensino**, pp. 171-189, 2014.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUCA (2021). Direção de Enrico Casarosa e roteiro de Mike Jones e Jesse Andrews. Pixar Animation Studios, Walt Disney Pictures. EUA, cor, 95 min.

MARTINS, Lígia Márcia. **Introdução aos fundamentos epistemológicos da Psicologia Sócio-Histórica**. Sociedade, educação e subjetividade: reflexões temáticas à luz da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica/UNESP, 2008.

MARTINS, Onilza Borges; MOSER, Alvino. Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch. **Revista Intersaberes**, v. 7, n. 13, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22169/revint.v7i13.245>

MASSON, Gisele. Materialismo Histórico e Dialético: Uma discussão sobre as categorias centrais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, pp. 105- 114, jul.-dez, 2007.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

PEREIRA, Eliane Regina; SAWAIA, Bader Burihan. **Práticas grupais**: espaço de diálogo e potência. Pedro e João Editores, 2020.

SINGULANI, Renata Aparecida Dezo; MELLO, Suely Amaral. **A situação social de desenvolvimento da criança e a intervenção intencional do professor**. UNESP – Campus de Marília. 2015.

TOSTA, Cintia Gomide. Vigotski e o Desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores. **Perspectivas em Psicologia**, v. 16, n.1, pp. 57-67, jan/jun, 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/27548/15102>. Acesso em 29 ago. 2022.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Diagnóstico do desenvolvimento e clínica pedológica da infância**

difícil. [Esquema de investigação Pedológica]. Umuarama-PR (Produção voluntária), 2008.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Sete aulas de L.S Vigotski sobre os fundamentos da pedologia.** Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.